

Filhas ou Filhos? Tudo Depende

“O filho estava, pois, vivo, e a filha, desvalorizada...”

— De George Eliot em *Middlemarch*, 1872

Setenta mil calorias, nove meses, dezessete anos ou mais de cama, mesa e roupa lavada, fora alguns extras — e, sim, há um preço a pagar. Os pais esperam recompensas pelo seu investimento em filhos. Quantas vezes já ouvimos um pai dizer a um filho (ou uma filha) que ele (ela) é “uma vergonha”, “não presta para nada”, ou queixar-se de que seu filho ou filha “nunca chegará a lugar nenhum”. Quantos pais alimentaram tais pensamentos? “Isto é para o seu próprio bem.” Ou, especialmente, “eu só quero que você se mostre à altura do seu potencial”. Falar desse modo com os jovens é tão banal que se converteu em tema corriqueiro de melodramas. O que é que está em questão aqui?

Existe um contrato guardado no mais profundo da mente dos pais: eles esperam daqueles a quem dão tanto que honrem o nome da família, ou traduzam o investimento parental em sucesso cultural ou em seu anterior correlato: apurada forma física para a linhagem. Os pais podem justificar seu comportamento afirmando agir nos “interesses da criança”. Uma análise mais apurada revela freqüentemente que os pais definem esses interesses em conformidade com os deles próprios.

No Ocidente, a tendência de tais conflitos giram em torno de educação, heranças, decisões de carreira, escolhas sociais ou sexuais. As preferências parentais raramente colocam em perigo mortal os filhos pequenos. Em outras latitudes, porém, os pais sacrificam literalmente os filhos às metas da família. Em nenhum lugar as tensões subjacentes são mais manifestas do que nas sociedades onde os pais recorrem ao infanticídio seletivo de sexo a fim de obter

As Filhas Desaparecidas da China

Em 1991, ficaram disponíveis os resultados do volumoso censo de toda a centésima família da China, deflagrando uma onda de comentários no mundo inteiro. “Para onde tinham ido as meninas?”¹ É normal que nasça um número de meninos ligeiramente superior ao de meninas: 104 a 106 rapazes para 100 meninas é considerado normal. Mas cotejando as esperadas proporções entre os sexos com as fornecidas pelo censo de 1990 na China revelou-se que, de uma população total de 1,2 bilhão, milhões de meninas que deveriam ter sido recenseadas parecia não terem nascido, ou não ter sido notificado o seu nascimento, ou então terem sido eliminadas logo após o nascimento para evitar sua inclusão no censo. Em vez da esperada proporção de 106, havia 111 rapazes para 100 meninas. Talvez os asiáticos estejam geneticamente dispostos para produzir mais varões do que outros povos, sugeriram alguns.² Os demógrafos, porém, estão convencidos de que as meninas estão sendo eliminadas em escala maciça, ou através da determinação pré-natal de sexo, seguida de aborto seletivo de fetos femininos, ou através do neonaticídio.³

Os filhos nascidos por último são os que correm maior risco. Os ocidentais supõem que a política de um-filho-por-família significa que as famílias chinesas só têm um ou, no máximo, dois filhos. Mas não é esse necessariamente o caso, sobretudo em áreas rurais. Podem ser obtidas autorizações para ter filhos extras — concedidas especialmente aos pais que só têm meninas. Mas, com frequência, é imposta uma multa, e muitas famílias mostram-se relutantes em sofrer penalidades por um filho extra cujo sexo não era o que desejavam.⁴

Para o primeiro parto, é aceitável um ou outro sexo. Isso explica por que a atual proporção chinesa entre os sexos para primeiros nascimentos está dentro da faixa normal — 106 rapazes por cada 100 meninas. Para ordens de nascimento mais elevadas, entretanto, as proporções entre sexos começam a subir. Para famílias que produzem um quinto filho, são registrados 125 nascimentos do sexo masculino para cada 100 filhas.⁵

Culpar a Política... ou as Preferências dos Pais?

Numa perspectiva histórica, a política da China de um único filho aumentou o bem-estar dos filhos *desejados* e ajudou o país a superar o seu atraso econômico.⁶ Mas as famílias pequenas também aumentaram a pressão por um filho varão. As “filhas desaparecidas” da China tornaram-se uma *cause célèbre* internacional, com uma condenação especial reservada para a própria política de um só filho.

O infanticídio feminino, entretanto, era praticado muito antes da política populacional de Mao ter sido introduzida na segunda metade do século XX. Em regiões meridionais, como o Baixo Yangzi Jiang, onde está situada Shanghai, a única explicação plausível para *tantas* filhas desaparecidas é o aborto seletivo

por sexo ou o infanticídio.⁷ As taxas de infanticídio são hoje mais elevadas do que há dez anos, mas inferiores às de séculos passados. Em algumas áreas, as proporções entre os sexos na infância, nos séculos XVIII e XIX, chegaram a atingir 154:100.⁸ Em cidades como Beijing, carroças faziam rondas regulares de manhã cedo para recolher os cadáveres de filhas não desejadas que tinham sido silenciosamente afogadas num balde de leite enquanto a mãe desviava seu olhar da cena.⁹ Uma mulher entrevistada no século XIX recordou ter eliminado onze filhas recém-nascidas. Uma outra não pôde lembrar o número exato, salvo que tinha parido mais filhas do que queria.¹⁰

Tal preconceito contra as filhas estava longe de ser uma novidade. Um poema chinês recitado há 2.500 anos celebrava a chegada de um filho que seria envolto em finas galas, deitado num leito de requintados atavios, e a quem era entregue uma insígnia de jade para que a segurasse em suas pequeninas mãos. Uma filha, pelo contrário, era embrulhada num pano ordinário, posta no chão e entregavam-lhe como brinquedo um pequeno pião de madeira. Segundo um provérbio popular: “Mais filhos varões, mais felicidade e prosperidade.”¹¹

Quer as atuais distorções nas proporções entre os sexos na China sejam devidas ao aborto seletivo de fetos femininos ou ao infanticídio feminino, as leis vigentes não são, de qualquer forma, eficazes. As proporções entre os sexos apresentam os maiores desvios em áreas rurais remotas. A mão-de-obra fornecida pelos filhos varões é aí mais essencial, e o cumprimento das leis é mais difícil de ser imposto. Os desvios mais acentuados encontram-se na China meridional, onde a discriminação contra as filhas era tradicionalmente a mais pronunciada.¹²

O apelo a favor de leis mais duras desvia as atenções do problema subjacente: os desejos de longa data dos pais de constituir uma família que obedeça a uma determinada composição. Isto significa que os bebês do sexo feminino não desejados, se porventura sobrevivem, são passíveis de crescer como meninas não desejadas, sempre alimentadas por último e em menores rações, com menos atenção à sua educação e necessidades médicas, e sujeitas a sofrer violências e abusos físicos e emocionais. Uma solução mais efetiva e mais humana seria concentrar-se em mudar a postura mental dos pais. Mas como? As campanhas de propaganda em curso — como é o caso, por exemplo, dos letreiros



Fig. 13.1. Letreiro público da China urbana. Essencialmente, diz: “Menino, Menina, Ambos OK.” (Cortesia de Craig Kirkpatrick)

espalhados por toda a parte proclamando “Menino, Menina, Ambos OK” — têm tido um impacto muito limitado.

Uma Tendência Muito Comum e Muito Antiga

O primeiro passo é entender a natureza das antigas e profundas preferências parentais pelos filhos *versus* filhas. Proporções entre os sexos tão altas quanto as encontradas na China de hoje (116:100) podem ser documentadas em outros países asiáticos que *não* possuem tal planejamento familiar coercivo.¹³ Muito além das fronteiras da China, onde quer que as preferências por filhos de um sexo sejam tão extremas que se pratique o infanticídio seletivo por sexo (em cerca de 9% das culturas do mundo), os filhos varões são o sexo desejado.¹⁴

Fora da China, o infanticídio feminino está bem documentado para outras regiões da Ásia, entre as tribos do altiplano da Nova Guiné e na América do Sul, assim como na antiga Itália. Sempre que é encontrada, a extrema preferência pelo filho e a desvalorização das filhas que a acompanha caminham de mãos dadas com ideologias patriarcais. A indiferença pela sorte das filhas pode ser assombrosa, como fica evidenciado na mensagem enviada por um soldado romano à mulher no século I a.C.:

Peço-lhe e imploro-lhe que cuide bem de nosso bebê (...) Se o bebê que está prestes a nascer (...) for um menino, conserve-o, se for uma menina desfaça-se dela.¹⁵

Na Índia, mantras especiais dos *Veda*, os textos sagrados do hinduísmo, ainda são recitados quando uma esposa engravida. Se, por algum infeliz acaso, o feto é feminino, esse texto expressa a esperança de que ela seja magicamente transformada num filho macho.¹⁶

Diversas vozes influentes e bem-intencionadas propuseram que se deixasse a “mania por filhos machos” seguir seu curso. Teatróloga, congressista e embaixadora, Clare Boothe Luce era, entre essas vozes, uma das mais francas e diretas. Ela observou corretamente que o desejo chinês de filhos varões motivou os pais a terem famílias mais numerosas, pois aqueles que só tinham filhas continuavam tentando a chegada de um macho. Propôs uma “pílula para gerar filhos machos” como o “método mais rápido para retardar pacificamente o relógio [demográfico]”. Além disso, sugeriu Luce, como as filhas ficariam mais escassas, o *status* das mulheres elevar-se-ia.

As leis de oferta e demanda, porém, nem sempre funcionam, sobretudo não quando as desvantagens se acumulam contra um sexo que não só é escasso mas está socialmente privado dos direitos de cidadania. Na China urbana, a escassez proporcionou às mulheres oportunidades jamais imaginadas. Em programas de televisão que têm 50% de *Namoro na TV* e 50% de *Show de Talento*, 341

solteiros desesperados fazem seus pedidos e depois aguardam ansiosamente um chamado, enquanto as telespectadoras escolhem entre os companheiros potenciais. Mas a mesmíssima escassez que impele os solteiros urbanos a recorrerem a esses extremos faz com que as vidas das mulheres fiquem sujeitas a mais riscos e perigos do que jamais correram nas áreas rurais. A incidência de estupros, raptos e até mulheres sendo compradas e vendidas, recrudescer com o número de homens sem esposa.¹⁷ Pode ser que haja escassez de mulheres mas, como classe, elas não melhoraram nada. Em 1955, a China era o único país do mundo onde a taxa de suicídios para mulheres excedia a taxa para homens.¹⁸

Nas partes do mundo onde “o nascimento de uma filha faz com que até um homem filosófico fique (...) taciturno, [ao passo que] o nascimento de um filho é como o nascer do sol na morada dos deuses”,¹⁹ o diagnóstico pré-natal do sexo com a opção de aborto seletivo entrou em cena como um presente divino. O velho provérbio segundo o qual “dezoito formosíssimas filhas não chegam aos pés de um filho corcunda” é interpretado literalmente por pais que usam o diagnóstico pré-natal não para se prevenirem contra defeitos genéticos mas contra o par de cromossomos XX. De 8.000 abortos realizados numa clínica da Índia, 7.997 eliminaram fetos cujos pais tinham sido informados de que seriam filhas. (Típicamente, as mães testadas já tinham uma ou mais filhas.)²⁰

Oficialmente, tal discriminação está proibida. Os países asiáticos têm leis muito mais rigorosas do que os países ocidentais contra o uso de testes pré-natais com esse propósito específico.²¹ Mas as leis são inexecutáveis. Em 1988, o estado de Maharashtra, no sul da Índia, proibiu todas as determinações pré-natais de sexo. O Parlamento da Índia fez o mesmo. Em 1994, penas de três anos de prisão e uma multa (equivalente a cerca de 320 dólares), aplicáveis em todo o país, foram impostas a quem fosse julgado culpado de administrar ou de submeter-se a testes pré-natais com o propósito exclusivo de determinar o sexo de um feto. A Coreia seguiu-lhe o exemplo no mesmo ano, tornando crime o aborto de um feto feminino. Apesar de tais leis, organizações de voluntários na Índia calculam que cerca de 80 mil abortos, após testes de sexo, ainda são realizados anualmente (sem dúvida, uma avaliação para menos). A situação é semelhante à da Coreia. Nesse meio tempo, nas áreas mais pobres da Ásia, onde o teste pré-natal é largamente inacessível (por exemplo, em Tamil Nadu ou Rajasthan, na Índia), continua o infanticídio feminino. As filhas não desejadas podem ser eliminadas pelo método tradicional (aplicando ópio nos mamilos da mãe ou envenenando-os com extratos de plantas), ou pelo método



Fig. 13.2. Ao nascer o casal de gêmeos, a menina foi levada pela sogra e alimentada com mamadeira, ao passo que o menino ficou com a mãe e foi por ela amamentado. Quando os gêmeos foram reunidos aos cinco meses de idade numa clínica, a diferença entre os dois era flagrante. A intervenção chegou tarde demais. A menina alimentada com mamadeira, anêmica, marasmática, morreu pouco depois de ter sido feita esta foto.²³ (Fotografia de Gul Nayyer Rehman, cortesia do Dr. Mushtaq A. Khan, Children's Hospital, Islamabad)

“moderno” — negando à filha o leite materno, para que ela morra de inevitáveis (e inimizáveis) causas “naturais”.²²

Em que Medida as Mães Têm o Poder de Decidir?

Como podia uma mãe, ela própria uma mulher, matar uma filha *porque* o seu bebê era uma fêmea? Discriminar nessa base parecia validar a sua própria inferioridade. É interessante notar que em lugares como a China e Bangladesh, as filhas correm maior risco em famílias que já têm uma ou mais filhas — precisamente naquelas famílias onde a mãe já amamentou uma filha. Ela pode 343

lembrar-se do que significa amar uma menina. É difícil de acreditar, mas a complacência materna com o infanticídio da filha não pode ser entendida sem levar em conta a situação dela.²⁴ Ela vive com seu marido, entre os parentes dele, dependente deles. O bem-estar dos filhos que ela cria depende da boa-vontade deles. Muito simplesmente, os homens da família querem filhos, portanto, as mulheres também os querem. Desde tenra idade, essas mulheres estão condicionadas a depositar todas as suas esperanças nos filhos que um dia terão, e nos filhos nascidos de seus filhos.²⁵

Ainda hoje, em muitas sociedades, as pessoas compadecem-se das mães sem filhos homens e olham-nas com certo menosprezo. As esposas com filhos homens são muito mais apreciadas, e eles são os favoritos das mães. “Logo depois que dei à luz o meu filho, meus sogros providenciaram nossa mudança para um apartamento maior”, recordou uma mulher coreana a quem aconteceu sair ganhadora nessa loteria cromossômica. Esse tão insidioso condicionamento impossibilita uma consideração das preferências maternas separadamente dos interesses da família do marido.²⁶ Entretanto, uma mãe moderna que desaprovou esse preconceito optou voluntariamente por um aborto (ilegal) quando foi informada de que seu segundo filho seria outra menina. Ela sabia que as meninas eram escassas, mas, após torturar-se em face do dilema, ainda assim optou por não dar à luz outra filha. Com frequência, a decisão é literalmente tirada das mãos da mãe, como no caso dos gêmeos paquistaneses, quando a sogra se apossou da menina e a alimentou com mamadeira, condenando-a (mas não ao menino, amamentado pela mãe) a morrer de disenteria e desnutrição (ver a Fig. 13.2).

Tais casos levaram a antropóloga Susan Scrimshaw a defender a tese, numa passagem muito citada, de que “o declínio do infanticídio pode resultar em mais sofrimento para as crianças mais velhas, e até para adultos, do que quando a sorte de um bebê, seja ela a de vida ou morte, foi determinada com rapidez, desde muito cedo e irrevogavelmente.” Scrimshaw não estava defendendo o infanticídio. Estava fazendo, antes, uma comparação realista e compassiva entre um destino e uma alternativa “muitíssimo mais cruel.”²⁷ Semelhante lógica leva muitas pessoas educadas na Ásia — incluindo pessoal médico — a considerar o aborto seletivo por sexo não só um direito da família mas uma opção preferível do que os nascimentos não desejados.²⁸

Razões para Preferir Filhos

“Filhas não são melhores do que galhas”, observa um provérbio tibetano. Variações sobre esse tema podem ser ouvidas em toda a Índia setentrional. “Seus pais as alimentaram e assim que tiveram asas, elas voaram para longe.”²⁹ As filhas, queixam-se as pessoas, retiram-se com o casamento; os recursos dedicados a criá-las perdem-se para a patrilinearidade. Com elas saem substanciais

dotes, enriquecendo as famílias de seus maridos, ao mesmo tempo que empobrecem as delas próprias. Os pais temem a perspectiva de casar numerosas filhas quase tanto (mas não tanto) quanto temem a vergonha potencial no caso de uma filha acabar casando com alguém de uma família sem apropriado *status* ou ser seduzida e ficar grávida mas solteira.

A justificação da “saída das filhas”, por si mesma, não responde à questão de apurar por que razão o sistema foi instituído desse modo, com os filhos ficando e as filhas desertando. Nem explica *por que* os pais aceitam pagar exorbitantes dotes. A atenção, portanto, tende a concentrar-se nas justificações tradicionais para a preferência pelos filhos varões, nas explicações de “orgulho e pecúlio”, no valor especial dos filhos varões como força de trabalho, o papel ritual atribuído aos filhos homens e seu valor simbólico.

Num dos poucos estudos desse gênero, Mead Caine, do *Population Council* de Nova York, quantificou o valor de mão-de-obra fornecido por filhos em comparação com o das filhas em Bangladesh. Entre os 10 e 13 anos, um rapaz é um produtor líquido. Aos 15 anos, um filho reembolsou seus pais pelo que lhes custou criá-lo, e aos 25 anos reembolsaram-nos também por uma filha. As filhas, pelo contrário, embora trabalhassem duro desde cedo, saíram de casa antes de terem ressarcido seus pais pelo que desembolsaram com ela.³⁰

Por si mesmos, nem o “orgulho” nem o “pecúlio” (interesses econômicos) da família explicam, em primeiro lugar, por que os filhos ganham mais, por que os pais continuam a favorecê-los, ou por que os pais despacham as filhas com grandes dotes.

O Potencial Reprodutivo dos Filhos

Uma longa história de competição entre machos por companheiras deixou uma herança sexualmente selecionada de homens que são um pouco maiores e muito mais musculosos do que as mulheres. Essa é uma razão pela qual os homens dão aliados mais eficazes do que as mulheres. A outra é que, em um sistema de reprodução patrilocal, esses aliados também estarão unidos por laços de parentesco. Seja protegendo o acesso a fêmeas na comunidade ou ajudando a manter os direitos de uma patrilinearidade, os homens têm “maior capacidade de manutenção de recursos”. Este fato da vida é aproveitado pelos pais em partes do mundo onde a posse é a razão de ser de quaisquer leis e onde os recursos têm estado inseparavelmente vinculados à sobrevivência da família através dos tempos. Onde os “filhos são armas” (um velho aforismo rajasthani), a alternativa para a transmissão de propriedade a filhos que podem defendê-la contra linhagens concorrentes é perder o controle de uma herança.

Em sistemas sociais patriarcais, um filho rico acha-se no controle de recursos produtivos de que as mulheres precisam. Ele estará numa posição propícia à atração de múltiplas companheiras. Numa sociedade estratificada, como a de

Rajasthan, as famílias em busca de avanço social competem entre si a fim de reunir um dote suficientemente grande para garantir para suas filhas um lugar numa família da elite. Isso acarreta uma prestigiosa aliança para os pais, a par da perspectiva de netos bem dotados. Caso ocorra uma calamidade, essa é a única perspectiva de sobrevivência de descendentes. Assim, a preferência de filho entre elites leva à hipergamia, o costume segundo o qual as mulheres casam com homens de *status* superior. No topo da hierarquia, entretanto, a hipergamia exclui as filhas. Não existe para elas família de classe superior em cujo seio possam ingressar pelo casamento.³¹

A eliminação seletiva de filhas atraiu pela primeira vez as atenções do Ocidente durante os anos de domínio britânico. Viajantes do século XIX que visitavam Rajasthan e Uttar Pradesh, na Índia setentrional, assinalaram ser raro encontrar moças em qualquer dos clãs da elite. Supunha-se que, como parte da *purdah*,* as filhas desses orgulhosos descendentes dos reis-guerreiros fossem mantidas em reclusão. “Estive cerca de quatro anos na Índia e as únicas mulheres que vi eram as criadas de famílias européias, as esposas de casta inferior de pequenos lojistas e as bailarinas,” escreveu Fanny Parks em seu livro de crônicas de viagem pelo norte da Índia. Não ocorreu à observadora que *não havia filhas*.³²

Pouco a pouco, fez-se luz. Um funcionário britânico deparou-se casualmente com o fenômeno das filhas desaparecidas enquanto empreendia negociações com proprietários locais. Ele referiu-se por engano a um desses homens bigodudos como genro do outro, provocando risadas sarcásticas. Dificilmente isso seria possível, disseram-lhe. O nascimento de uma filha seria uma calamidade tão grande para uma família de sua elevada estirpe que ela nunca sobreviveria. Era impensável que *qualquer* de *suas* filhas chegasse à idade de casar. Entre a maioria dos clãs da elite, como os Jhareja Rajputs e os Bedi Sikhs — conhecidos localmente como os *Kuri Mar*, ou “destruidores de filhas” — o censo confirmou a quase total ausência de filhas; as elites de *status* menos expressivo matavam somente as filhas nascidas por último. Em conjunto, incluindo os clãs de nível inferior que conservavam algumas ou todas as filhas, as proporções entre os sexos na região eram da ordem de sobrevivência de 400 rapazes para cada 100 meninas.

A indignação pública contra o infanticídio entre os britânicos do século XIX na metrópole culminou nas leis anti-infanticídio da década de 1870. A legislação colonial britânica reduziu o infanticídio, mas pouco fez para aliviar a negligência, freqüentemente letal, das meninas que sobreviveram. Quando

* *Purdah* (literalmente, cortina, véu): prática hindu e muçulmana de isolar ou esconder suas mulheres de estranhos. (N.T.)

um funcionário britânico do século XIX perguntou a um proprietário rural de Uttar Pradesh por que a maioria das famílias de Rajput continuavam a eliminar suas filhas a despeito das leis britânicas contra essa prática, sua resposta foi clara: “O pai que conserva uma filha nunca viverá para a ver convenientemente casada, ou [então] (...) a família onde ela ingressou pelo casamento será arruinada e extinta.” O homem passou depois a descrever, um por um, casos específicos que confirmavam sua convicção de que “aqueles que conservam suas filhas nunca prosperam” e acabam por perder suas terras.³³

Num mundo repleto de perigos ecológicos, secas periódicas, fomes e guerras, a melhor esperança para a persistência a longo prazo de uma linhagem era a concentração de recursos num forte e bem situado herdeiro masculino com numerosas esposas ou concubinas. Se as circunstâncias de família tornam essa tática duvidosa, um filho ou duas fornecem segurança contra a total extinção da linha familiar. Se uma família está verdadeiramente arruinada, o que ela pode esperar de melhor é que as filhas sejam capazes, como escravas, esposas ou concubinas, de ascender na escala social para posições onde seus filhos tenham a possibilidade de sobreviver. Tais sistemas não se originaram porque homens procuraram engendrar o maior número possível de filhos, embora muitos o fizessem. Mas o principal objetivo — tanto subliminar quanto conscientemente expresso — era garantir que pelo menos alguém de sua própria linhagem, “honra” e vantagens intactas, estivesse representado em gerações subseqüentes. Em última instância, essa linha conservadora tendia a impedir a extinção local da família e estava, assim, correlacionada a longo prazo com a sobrevivência da linhagem.

Dos guerreiros de turbante nas poeirentas planícies de Rajasthan até os modernos moradores das cidades, somos eternamente fascinados pelo modo como as famílias resolvem seus problemas e se comportam ao longo do tempo. Testemunham-no a popularidade mundial de programas da TV como *Dallas*, *Falcon Crest* e *Dinastia*. Seja uma família da televisão ou a nossa própria, as pessoas são facilmente atraídas para acompanhar suas vicissitudes. Elas querem saber como os diferentes personagens se sairão no jogo de alto risco do casamento, reprodução e manutenção do acesso a recursos. Quem sobreviverá e terá sucesso? Quem sucumbirá? As pessoas discutem tais questões *ad nauseam*. Bisbilhoteiros e tagarelas avaliam e ponderam os méritos de soluções alternativas para os problemas da posteridade de cada família. Somos uma espécie obcecada por estratégias sucessórias e estamos soberbamente equipados para criá-las.³⁴

No Rajasthan do século XIX, onde secas e fomes periódicas eram uma certeza, a sobrevivência de linhagens familiares requeria medidas extremas. Desumanas? Sem dúvida. E implacáveis. Mas as regras vigentes para decidir qual o sexo da progênie que contribuirá mais para os objetivos da família foram criadas ao longo de gerações. Fruto de sucessivas tentativas e erros, de

observação das tentativas de outros, de imitação daquelas que foram bem-sucedidas — esses resultados foram codificados como preferências para determinados sistemas familiares. Soluções adaptativas foram retidas como costume porque as famílias que obedeceram a essas regras sobreviveram e prosperaram.³⁵

A Ideologia Não Pode Explicar Preferências de Sexo

Obviamente, as preferências de sexo têm muito a ver com ideologias. Entretanto, se a sobrevivência genética das linhagens familiares está em jogo, a expectativa dos evolucionistas é de que exista uma base biológica para as emoções subjacentes. Também esperam encontrar nos pais de outras espécies uma predisposição para o investimento por sexo.

Os animais não têm relações com simbolismo, construtos sexuais ou conceitos como “seguro para idosos”. Por isso merece uma reflexão séria a descoberta de que os humanos não são as únicas criaturas que dão forma aos conjuntos de filhos para obter determinadas composições. Quando podem, muitas mães animais dispõem as proporções entre os sexos antes da concepção, abortam seletivamente os fetos e criam de maneiras diferentes filhos e filhas. Os humanos são meramente os únicos animais a proceder assim de forma consciente e a articular razões para justificar as suas preferências. Só diferem os mecanismos. Como disse Aldous Huxley: “Os fins são escolha dos símios; só os meios são do homem.”

Uma dificuldade com as pesquisas sobre proporções entre sexos é que se os tamanhos das amostras não forem muito grandes, pode ser diabolicamente difícil obter a certeza de que pequenas flutuações na proporção de filhos e filhas não são devidas ao acaso. Sob uma determinada gama de circunstâncias, aves, peixes, répteis e mamíferos investem diferencialmente em filhos e filhas. É instrutivo observar mais de perto o padrão de investimento parental sexualmente predisposto nesses outros animais, antes de voltar à questão de apurar por que os humanos dispõem as proporções entre os sexos da forma que o fazem, usando técnicas tão primitivas, cruéis e perdulárias quanto as adotadas rotineiramente por muitos. São mecanismos evolutivamente viáveis muito mais eficientes para influir nas proporções entre os sexos antes do nascimento. As mães da vespa do figo, por exemplo, desenvolvem a capacidade de configurar, de acordo com seus interesses, as proporções entre os sexos de suas ninhadas. (Ver Capítulo 3.) Ao avaliar de alguma forma qual o sexo da progênie que será mais vantajoso do ponto de vista reprodutivo, a mãe acrescenta ou retém o esperma portador de Y ao pôr cada ovo. Quando William Hamilton publicou seu estudo de 1967, “Extraordinary Sex Ratios”, deu início a uma das mais acidentadas e rudes explorações levadas a efeito no âmbito da biologia evolutiva, conhecida como “teoria da proporção entre sexos”.

Mais “Extraordinárias Proporções entre Sexos”

Em tartarugas, aligatores, crocodilos e numerosos peixes, a tarefa de uma mãe é simples. O sexo não é predeterminado quando o ovo é posto, mas cristaliza-se gradualmente durante o desenvolvimento embrionário, determinado pela temperatura ou outras condições ambientais. Um aligátor americano mãe, por exemplo, assegura-se de que da maioria de seus ovos sairão fêmeas colocando simplesmente o seu ninho num local ensolarado. Se, por outro lado, ela rasteja praia adentro e deposita seus ovos numa parte sombreada da margem, esses ovos converter-se-ão em machos. No caso de alguns peixes, como o peixe-rei do Atlântico, a justificação adaptativa para o sexo ambientalmente determinado parece muito clara. Os filhotes dos cardumes desovados nas águas frias no começo de cada época de procriação são sempre fêmeas, ao passo que os nascidos mais tarde, depois que a água aqueceu, são machos em sua grande maioria. Num mundo em que as mães grandes serão mais fecundas, o tempo repartido entre “eles” e “elas” na época de procriação significa que as filhas nascidas mais cedo têm mais tempo para crescer e ficar grandes antes de sua primeira postura. Influenciar as proporções entre sexos é mais complicado e menos bem entendido nos mamíferos.

Tem sido documentada a tendenciosidade de proporções secundárias entre sexos em mamíferos, mas desvios de 50-50 são raramente tão pronunciados quanto em peixes ou vespas — com a notável exceção dos lemingues-da-madeira. Estes roedores, habitantes das florestas de abetos na Europa setentrional, têm as mais distorcidas proporções entre sexos de qualquer mamífero conhecido. As mães lemingues produzem três a quatro vezes mais filhas do que filhos. Seu segredo é uma curiosa alteração dos cromossomos sexuais que faz com que os genes transportados no cromossomo Y permaneçam inativos. Nos humanos e em outros mamíferos, uma fêmea com apenas um cromossomo X (denominado “XO”) não seria fértil, mas, por alguma razão, essas lemingues “XY” expõem fenótipos femininos e são férteis.

Ignora-se por que tal capacidade se desenvolveu. O zoólogo Nils Stenseth sugere que, ao manipularem as condições ambientais, as mães lemingues lograram adaptar-se a ciclos reprodutivos caracterizados por uma fase endogâmica (*inbreeding*). No passado, os filhos de lemingues defrontaram-se com a mesma competição local para acasalar que os filhos das vespas tiveram que enfrentar quando as circunstâncias os forçaram a procriar com suas irmãs no interior de um figo. Esse cromossomo X “dominante” permite que os filhos XY sejam transformados em filhas.

Tal como outros pequenos mamíferos de Ártico, os lemingues são propensos a excessos, com explosões populacionais seguidas de maciços declínios. Nos maus anos, a população pode entrar em colapso. Uma fêmea grávida que tenha tido a sorte de sobreviver encontrar-se-á sozinha numa terra sem

lemingues, sem fêmeas com quem seus filhos possam acasalar. Que melhor tática, nesse ponto, do que produzir somente tantos filhos quantos os necessários para fertilizar as filhas — tal qual as vespas do figo, de Hamilton? Seus netos sairão para ir colonizar um novo e espaçoso nicho.³⁶

Os lemingues-da-madeira são os únicos mamíferos com determinação sexual cromossômica conhecida a influir nas proporções entre os sexos de uma forma himenóptera tão extrema. Entretanto, influências mais modestas no estabelecimento das proporções entre sexos estão amplamente documentadas, incluindo os abortos espontâneos que são seletivos em função do sexo — uma surpresa, talvez, para quantos supõem que os abortos são antinaturais.

Aborto Seletivo em Função do Sexo em Animais

Poucas instituições estão interessadas em financiar pesquisas que apurem de forma definitiva se outros animais também influem em suas proporções entre sexos. Ainda menos se sentem compelidas a estudar o aborto espontâneo em filhas de roedores aquáticos. Felizmente, porém, há governos muito interessados em eliminar pragas introduzidas em seus países. É essa a razão pela qual o Ministério da Agricultura da Grã-Bretanha criou um programa maciço para capturar ratões-do-banhado, animais que se parecem com grandes porquinhos-da-índia (10 quilos) levados da América do Sul para a Europa com o objetivo de exploração comercial de suas peles. Quando alguns desses ratões-do-banhado (*Myocastor coypus*, também chamados nútrias) fugiram, mostrando ser tão ligeiros e desembaraçados quanto eram felpudos e prolíficos, propagaram-se como lentilha d'água pelos brejos da Inglaterra oriental.

Os ratões-do-banhado, capturados nesse programa de controle de pragas, forneceram a primeira oportunidade para testar a teoria das proporções entre sexos em mamíferos que estavam vivendo com total liberdade de movimentação. Contratado pelo governo para eliminar os animais capturados, o biólogo Morris Gosling decidiu aproveitar a operação para inspecionar-lhes as vísceras. Dissecou 5.853 ratões. Destes, 1.485 tinham embriões com idade suficiente para serem recenseados e seus sexos identificados. Ao examiná-los Gosling fez a primeira de muitas e surpreendentes descobertas.

Antes das 14 semanas de gravidez, o útero de uma fêmea do ratão-do-banhado tinha tantas probabilidades de conter uma ninhada com maioria de machos quanto com maioria de fêmeas. Entretanto, em fases subseqüentes da gestação, era difícil encontrar uma mãe grávida com uma pequena ninhada (de quatro embriões, pelo menos) que não fosse só — ou quase só — de machos. A única explicação plausível era que as fêmeas portadoras de pequenas ninhadas com maioria de fêmeas abortavam-nas espontaneamente. As fêmeas mais gordas e em melhores condições eram as mais propensas a abortar. Gosling

perguntou-se se esses abortos seriam realmente fracassos reprodutivos ou fruto de uma administração materna adaptativa.

Et tu, Coypus?

Na fase final de sua gravidez, após a décima quarta semana de sua gestação de dezenove semanas, uma fêmea particularmente gorda de rato-do-banhado, portadora do tipo “errado” de ninhada para as suas circunstâncias, aborta espontaneamente. Por essa altura, ela já teria armazenado toda a gordura necessária para sustentá-la durante a lactação. Assim, o que pode uma fêmea gorda lucrar, nessa fase, ao abortar tão tarde? O que ela ganha é a oportunidade de fazer ainda melhor, do ponto de vista reprodutivo, em sua gravidez seguinte. Em vez de desperdiçar uma oportunidade somática num punhado de filhas, ela aborta e volta rapidamente a conceber — gerando, possivelmente, uma ninhada de maioria masculina ou, falhando isso, pelo menos uma ninhada suficientemente numerosa para tirar partido do fato de estar em tão boa forma.

“O aborto pode ser vantajoso”, argumentou Gosling, se “permitir à fêmea transferir recursos para uma ninhada suscetível de obter um maior sucesso reprodutivo.” As fêmeas em boa condição que se vêem grávidas de pequenas ninhadas com maioria de machos podem contar com a produção de filhos competitivos, dotados de corpos especialmente robustos. Mas as fêmeas grávidas gordas com maioria de filhas não colhem qualquer recompensa especial. As fêmeas grávidas do rato-do-banhado avaliam de alguma forma sua própria condição e abortam ou dão continuidade à gravidez conforme for o caso.³⁷

Foi uma observação surpreendente, mas não totalmente imprevista. Uma década antes, mais precisamente em 1973, um licenciado em biologia, Robert Trivers, e um em matemática, Dan Willard, tinham publicado um ensaio em *Science* predizendo o resultado de Gosling.

Famílias Feitas sob Medida

A hipótese Trivers-Willard diz que sempre que a variação no êxito reprodutivo é maior para um sexo do que para o outro, e quando o sucesso reprodutivo de indivíduos desse sexo depende de efeitos maternos, então as mães em boas condições devem favorecer o sexo com a maior variância no sucesso reprodutivo. As mães em más condições devem favorecer o sexo com a menor variância. Na maioria das circunstâncias, os filhos são o sexo com a maior variância no sucesso reprodutivo e os que mais se beneficiam das vantagens maternas. É por isso que numa espécie como o rato-do-banhado, as mães em boas condições devem teoricamente preferir filhos (ou então uma ninhada muito numerosa), enquanto que as que se encontram em condição precária devem preferir filhas. *Como é* que as mães podem fazer isso constitui 351

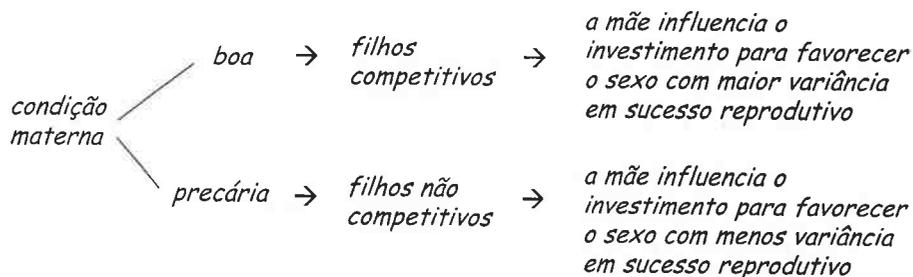


Fig. 13.3. A hipótese Trivers-Willard parece explicar a conclusão da gravidez, sob a influência das proporções entre os sexos, na fêmea do rato-do-banhado.

ainda um mistério. Alguns autores especularam que as proporções entre os sexos são fixadas antes da concepção por diferentes condições hormonais na mãe e sobrevivência diferencial de espermatozoides portadores de X e Y dentro da mãe a caminho do ovo, ou então através da sobrevivência diferencial de embriões machos e fêmeas.³⁸

Ao formularem a teoria, Trivers e Willard tinham em mente, na realidade, grandes mamíferos, como o veado e o caribu. Um jovem veado cuja mãe é saudável e bem alimentada converter-se-á, quando adulto, num macho corpulento e competitivo, capaz de derrotar e excluir rivais nascidos de mães em más condições. A mãe de um filho não-competitivo estaria melhor servida produzindo uma filha: mesmo uma corça em más condições deve estar apta a conceber e parir pelo menos alguns filhotes.

Hoje, está comprovado que a lógica de Trivers-Willard prediz as proporções entre sexos ao nascer entre animais que vão desde o nobre cervo da Escócia até o rechonchudo gambá rodando calmamente pelas florestas da América Central, para não mencionar o rato-do-banhado, que vagueia livremente por toda a parte. A hipótese explica até a quase completa especialização em filhas das fêmeas de baixa categoria do macaco-aranha nas florestas úmidas do Peru. Aplica-se quando a principal determinante do sucesso reprodutivo é o acesso às fêmeas.³⁹

Mas o que acontece quando o fator crítico não é o acesso a parceiros para acasalamento, mas a recursos? E se os filhos de um sexo são melhores do que os do outro na proteção de um território, ou na conversão dos recursos em sucesso reprodutivo? E se os filhos de um sexo fazem mais do que os do outro sexo para valorizar o proteger o valor de recursos locais à disposição dos pais — conhecido como “valorização de recursos locais”?⁴⁰

Hoje, a demonstração clássica da produção a favor de mais filhas ou de mais filhos, dependendo de qual o sexo que mais valoriza os recursos parentais, deriva de um notável estudo de uma espécie rara de pássaro conhecido como a

As Seychelles são um heterogêneo grupo de ilhas na margem ocidental do Oceano Índico, algumas rochosas e sem água, outras exuberantemente tropicais. Essas ilhas forneceram o “laboratório” natural que permitiu ao ornitologista holandês Jan Komdeur provar, de forma concludente, que os pássaros genitores ajustam as proporções entre os sexos, produzindo filhotes do sexo com maiores probabilidades de melhorar a situação da família, de acordo com as circunstâncias vigentes na época do choco. Esses pássaros comprovam o caso de que animais podem criar suas famílias sob medida.⁴¹

Até 1988, toda a população mundial de toutinegras das Seychelles estava confinada a uma única ilha. Trezentos e vinte pequenos e espertos pássaros cor de canela torrada e peito branco tinham saturado localmente todos os habitats disponíveis nessa ilha. O acasalamento resultou na criação de territórios, onde os casais permaneceram até nove anos produzindo uma ninhada uma vez por ano, usualmente apenas um ovo por ninhada. Embora as toutinegras possam procriar em seu primeiro ano, as filhas permanecem onde nasceram, ajudando os pais a caçar insetos para alimentar os irmãos mais jovens. Quando essa alomãe foi removida, o sucesso reprodutivo dos pais declinou. Mas há uma dificuldade.

Se os insetos são escassos, ter ajudantes por perto que competem com os pais para obter sustento é mais um inconveniente do que uma vantagem. De acordo com esse cálculo, os pais em territórios pobres que não se beneficiam da presença de ajudantes produzem uma maioria de machos (que não são propensos a ficar por perto). Tendo observado esse fato, os pesquisadores decidiram realizar um experimento. Os pais foram transplantados para novos territórios sob condições controladas.

Presumia-se que casais de toutinegras colocados em territórios vastos e de alimento abundante podiam permitir-se um ajuste “*au pairs*”. Como previsto, 87% desses pais privilegiados produziram filhas, o sexo mais propenso a permanecer e ajudar. Dos pais colocados em territórios pobres, só 23% criaram filhas. Como? Não se sabe. Uma possibilidade poderia ser a de que os pássaros usem alguma espécie de “regra inicial” — incubar ovos do “sexo correto” mas abandonar os ninhos que contêm o sexo errado e começar tudo de novo. Uma coisa é certa: as toutinegras das Seychelles estão adaptando a formação de suas ninhadas em resposta à história da família e às condições locais, tal qual alguns pais humanos fazem. É improvável, porém, que os mecanismos em humanos sejam os mesmos. Parece, antes, ter havido uma seleção na psique humana para a formulação de regras gerais de decisão que produzem resultados semelhantes aos fisiologicamente produzidos em outros animais. Entretanto, longe de bloquear os pais em alguma resposta predeterminada, uma base biológica para essas preferências tornaria iminentemente variáveis as atitudes parentais em relação a filhos *versus* filhas. Por agora, esta pretensão só parecerá curiosa

aos olhos daqueles leitores que ainda crêem que os traços adquiridos são necessariamente imutáveis... o que eles não são.

Quando as Próprias “Regras” são Contingentes...

A questão perene “Que sexo produzir?” pode ser indecifrável, sobretudo em primatas tão flexíveis quanto são os babuínos e resos, e espécies que se adaptam tão rapidamente quanto os humanos a diversos habitats. Como em todos os bem estudados macacos cercopitecídeos do Velho Mundo, as filhas de babuínos e resos herdaram de suas mães a posição na hierarquia social. Uma vez que as filhas ficam por perto, cabe a uma mãe de elevada posição produzir o sexo que mais se beneficiará do seu próprio *status*, assim como promover os interesses matrilineares através do apoio à parentela (uma outra forma de valorização dos recursos locais). Em habitats como Amboseli, onde o alimento é escasso, as mães de *status* elevado fazem justamente isso — uma superprodução de filhas. O mesmo padrão pode ser também documentado para algumas populações de macacos resos.

Ano após ano, as mães nas matrilineagens de *status* mais elevado produzem de forma sistemática significativamente mais filhas do que filhos, ao passo que as fêmeas de categoria inferior produzem poucas filhas e mais filhos. As fêmeas de baixa categoria não só produzem menos filhas mas aquelas poucas filhas que produzem correm maior risco de morrer do que os filhos nascidos de mães de equivalente categoria inferior. Com base em estudos de macacos-de-capuz, Joan Silk mostrou que, enquanto os filhos que se afastaram do seu grupo natal podem deixar para trás as desvantagens do baixo *status* materno, as filhas não podem. Em seu estudo, nenhuma filha nascida de uma mãe de baixo *status* conseguiu produzir um único filhote que sobrevivesse. Quando a competição por recursos locais é intensa, uma filha nascida de uma mãe de alta categoria é o sexo certo no lugar certo naquele momento.⁴²

Lembremos que entre os babuínos estudados por Jeanne Altmann em Amboseli, os filhotes têm uma probabilidade de 25% de morrer durante cada um dos dois primeiros anos de vida. Mas se esse bebê for uma filha nascida de uma mãe de alta categoria — o “sexo correto” — as probabilidades de sobrevivência do bebê duplicam, e são mais elevadas do que as chances de sobrevivência para um filho nascido de uma mãe do mesmo *status*. Essas filhas também procriam mais cedo. Em média, as mães que geram o sexo correto contribuem com metade de um esplêndido filhote para a geração seguinte. As mães em Amboseli não produzem mais de sete filhotes em suas vidas, dos quais, em média, apenas dois sobrevivem. Dado o tão pouco que essas mães babuínas têm a mostrar de uma existência consumida em produzir e carregar filhotes, tais bonificações somam-se.

Geração após geração, as vantagens reprodutivas cumulativas significam que as mães nesses sistemas matrilineares competem por interesses mais duradouros do que as cópulas isoladas pelas quais os machos se batem. Um macho que atrela a sua estrela reprodutiva a uma linhagem bem-sucedida ao gerar uma filha em uma, garante sua passagem para a posteridade. De modo análogo, se a companheira do macho é uma fêmea subordinada, ambos os pais se beneficiam da produção do filho. Os filhos de baixo nascimento, tal como os rapazes pobres do interior, saem em busca de distantes oportunidades, deixando para trás as desvantagens natais. Mas em alguns macacos cercopitecídeos há uma outra razão para que as mães subordinadas se inclinem para os filhos machos. As fêmeas de matrilineagens dominantes hostilizam as filhas nascidas de mães concorrentes, enviando uma não muito sutil mensagem: “Podemos tolerar seus filhos por algum tempo, mas suas filhas — que serão residentes permanentes — não são bem-vindas.” Essas tiranas intimidam e infligem considerável desgaste às mães de baixo *status*, especialmente às que têm filhas. Silk formulou a hipótese de que as penalidades impostas às mães de *status* inferior que produzem filhas levaram essas mães subordinadas a uma escolha entre evitar a concepção ou evitar a gestação de filhas.⁴³

Entretanto, mesmo esse sofisticado cálculo não constitui a história toda. Quando as condições ambientais mudam, a mãe reso ou babuína sai-se com um novo livro de regras.

...e o Sexo “Errado” Tornar-se-á o “Correto”

Ano após ano, tornam-se cada vez mais fortes as provas de que em habitats como Amboseli, as filhas são uma desvantagem para as mães de baixo *status*. Os filhos oferecem as melhores perspectivas. Entretanto, pesquisadores em outras latitudes documentam padrões diferentes. Em algumas populações cercopitecídeas, não foi encontrado o menor efeito da categoria materna sobre a proporção entre os sexos. Outras exibem a imagem inversa do padrão de Amboseli, com as mães de elevado *status* superproduzindo filhos, e as de baixo *status*, filhas, tal como Trivers e Willard haviam previsto.⁴⁴

Diferentes equipes de pesquisadores relataram padrões diferentes, cada grupo suspeitando de que os outros deviam estar cometendo algum erro. Os que não encontraram diferenças estatisticamente significativas partiram do princípio de que os outros dois grupos estavam contaminados pela “febre da proporção entre os sexos” e, em seu delírio teórico, estavam imaginando padrões no que não passava de variação aleatória.

Em 1991, Carel von Schaik e eu estávamos entre os primatologistas que se empolgavam com o que jocosamente chamávamos o *wild, wild world of the sex-ratio research* [o mundo selvagem da pesquisa sobre proporções entre sexos]. E perguntávamos aos nossos botões: E se os pesquisadores não estivessem

errados? E se os macacos estivessem mudando as regras? Tínhamos observado, por exemplo, que as populações de resos e babuínos de habitats muito vastos, com abundância de alimento e território para expansão, eram as que menos se ajustavam ao “padrão Amboseli”. Inversões completas desse padrão (com mães de *status* elevado superproduzindo filhos machos, e as de baixo *status*, filhas) eram descritas com muita frequência em grandes colônias de reprodução ao ar livre, onde a combinação de alimento e espaço abundantes contribuía para elevadas taxas de natalidade. (A produção de bebês é, afinal, o objetivo das colônias de reprodução.) Foi quando nos ocorreu que, sob condições ecológicas favoráveis ao rápido crescimento populacional, tornam-se significativas as diferenças em potencial reprodutivo masculino e feminino, tão cruciais para a lógica da hipótese Trivers-Willard. Neste ponto, a determinação de uma mãe sobre o sexo ótimo da progênie dá, em função das circunstâncias, uma reviravolta completa.

Concluimos que, em populações em rápida expansão, onde fêmeas de elevado e de baixo *status* podem procriar com o mesmo êxito, o maior potencial reprodutivo de filhos machos, nascidos de mães em boas condições, tem prioridade sobre o valor duradouro do vantajoso *status* materno. Sob as árduas condições em Amboseli, o acesso matrilinear a recursos escassos é a prioridade número um da mãe. Mas em populações com elevada taxa de crescimento, as mães macacas dispõem de outras alternativas, dependendo de qual seja o fator mais importante que limita o sucesso reprodutivo de sua progênie: o acesso aos recursos ou o acesso a parceiros sexuais.

O Que Mantém Quase Iguais as Proporções Humanas entre os Sexos?

A existência em animais, especialmente em outros primatas, de capacidades até hoje insuspeitadas para ajustar de um modo adaptativo sua produção de filhos *versus* filhas suscita uma questão delicada. Dadas as inclinações favoráveis desde longa data a um determinado sexo, por que razão a seleção natural não levou à formação de subconjuntos de mães humanas que se ajustem a condições locais variáveis mediante a produção automática do sexo desejado? O sistema existente é não só cruel (o que não é significativo para a Mãe Natureza) mas prejudicial (o que é significativo).

Se é possível à seleção agir sobre mães para influenciar as proporções entre sexos no nascimento, por que parar com uma insignificância de seis filhos extras por cem filhas? Em populações onde, desde tempos imemoriais, os pais discriminaram as filhas, por que não vemos proporções entre os sexos no nascimento em torno de 200:100? Isso pouparia aos pais muito esforço inútil: toda a energia desperdiçada, os custos de oportunidade, o tempo e os riscos de uma gravidez para produzir um bebê que os pais nem sequer pretendem con-

servar. Por que motivo, então, as proporções humanas entre os sexos no nascimento são quase iguais, cerca de 51% de machos, 49% de fêmeas?

Quando perguntamos a biólogos por que as proporções entre sexos pairam sistematicamente nas imediações da paridade, o mais provável é que nos respondam invocando o “princípio de Fisher da proporção entre sexos”. Esse axioma, consagrado pelo tempo, da genética populacional explica por que números mais ou menos iguais dos dois sexos são produzidos entre tantas espécies de aves e mamíferos. Na década de 1930, o bioestatístico britânico Sir Ronald Fisher argumentou que, se a produção de filhos custa o mesmo que produzir filhas; se predomina o *outbreeding* (isto é, irmãos não cruzam com irmãs, como ocorre com as vespas do figo); e se todos os indivíduos têm, *grosso modo*, a mesma oportunidade para procriar (o que resulta ser um grande *se*), então os pais reservarão igual investimento para filhos e filhas.

Imagine-se uma população em que certos pais se especializassem em um ou outro sexo. Digamos que a maioria das mães produzem filhos. À medida que a prole amadurece, procriará num mundo assimétrico, repleto de machos. Ruim para o sexo em excesso. Enquanto que, por sua escassez, todas as fêmeas terão necessariamente que cruzar, somente um subconjunto aleatório de macho conseguirá isso. Ruim também para os pais que superproduziram machos porque, em média, os produtores de machos serão penalizados por terem muito menos netos. A mãe que teve a sorte de produzir filhas, por outro lado, será recompensada por um número desproporcionalmente maior de netos — pelo menos por algum tempo.

A seleção natural favoreceria, com o passar do tempo, os pais que produzem o sexo raro, com o resultado previsível: uma superabundância de filhas. Um vez mais, a proporção entre os sexos voltaria a tender para o lado dos produtores de filhos machos. E assim por diante, oscilando o pêndulo primeiro numa direção, depois na outra, favorecendo primeiro os produtores de filhas, depois os especialistas de filhos. O resultado, segundo Fisher, é uma população com números mais ou menos iguais de filhos e filhas.⁴⁵

O princípio de Fisher é o que se convencionou para explicar por que a proporção entre os sexos apresenta um padrão extremamente desordenado, levando-se em conta certas condições especiais. O fato é que essas condições especiais não são tão raras. O princípio de Fisher deveria explicar por que a proporção entre os sexos no ser humano é desigual. A razão por que nascem mais meninos em média é que os machos são mais vulneráveis a morrer (tanto no útero materno como na primeira infância); assim, ao colocarem no mundo mais meninos, os pais estariam meramente equilibrando seu “investimento” em filhos e filhas.

Entretanto, outros animais — babuínos e resos, por exemplo — desviam-se da igualdade fisheriana quando um ou outro sexo custa menos ou fornece maior recompensa reprodutiva. Por que não os humanos?

É possível, claro, que o fenômeno ocorra mas tenha, de algum modo, passado despercebido. Por exemplo, se aos pais com preferência por filhos se juntassem os que se inclinam para filhas, a proporção média entre os sexos ficaria em 50-50. Com efeito, os desvios das esperadas proporções aproximadamente iguais entre os sexos nos humanos ao nascer são, por vezes, assinalados.⁴⁶ Ocasionalmente, vêm à tona grupos com proporções espetacularmente elevadas entre sexos que não podem ser atribuídas à negligência diferencial ou ao infanticídio. Elas podem ter algo a ver (ou não) com os costumes que afetam o momento escolhido para a concepção.⁴⁷ Além disso, não é raro os geneticistas toparem com um raro *pedigree*, como no caso da família inglesa que durante dez gerações produziu filhas em 32 de 35 nascimentos, ou a família francesa que produziu exclusivamente filhas (72 no total) ao longo de três gerações. Entretanto, estes casos podiam ser explicados como ocorrências aleatórias.

Uma triagem maciça revelou somente um punhado de casos desviantes, não tão precisamente calibrados para as possibilidades reprodutivas quanto as extremamente tendenciosas proporções entre sexos facilmente localizadas entre vespas, lemingues-da-madeira, toutinegras e macacos-aranhas. De um modo geral, são raros os desvios em relação à proporção humana normal de 102 a 106 meninos para 100 meninas, provocando um perplexo comentário de George Williams, que escreveu numa passagem hoje famosa:

Acho deveras misterioso que o controle adaptativo da progênie parece não ter evoluído. [Que essa matéria tenha sido deixada ao acaso] parece contradizer a teoria da evolução (...). Em vez disso, os desvios da determinação aleatória do sexo são, na melhor das hipóteses, triviais.⁴⁸

Podia haver um erro de amostragem, ou então a teoria estaria errada. Ou as proporções humanas entre sexos poderiam ser adaptativas, por certo, mas os pais protelam seus ajustes no investimento parental para depois do nascimento — como vêm fazendo desde longa data muitas famílias asiáticas. São muitas as provas que apontam para esta terceira possibilidade. Os humanos defrontam-se com os mesmos problemas de posteridade que outros animais enfrentam, mas resolvem-nos de forma diferente. Em vez de mecanismos inatos que dão preferência à produção de filhos ou filhas na concepção (como nas vespas), ou à retenção diferencial da maior parte das ninhadas femininas (como nos ratões-do-banhado), as mães humanas escolhem conscientemente filhos e filhas *após o nascimento*, de acordo com a avaliação parental de quais serão as repercussões para os objetivos da família a longo prazo. A psicologia subjacente — embora não os resultados — são provavelmente semelhantes quando os modernos pais americanos fazem escolhas sobre quanto dinheiro gastar em brinquedos para seus filhos, ou certos medicamentos, como os hormônios de crescimento.

A cada ano, nos Estados Unidos, os pais gastam em brinquedos para meninos (do tipo “Lego” e “G.I. Joes”) 60% mais do que em brinquedos para meninas (desproporcionalmente bonecas). É duas vezes mais provável que os pais providenciem o tratamento de uma inadequação do hormônio do crescimento para um filho do que para uma filha. Parte dos seus cálculos não consiste certamente em apurar apenas se desejam investir mais em filhos do que em filhas, mas em decidir que sexo extrairá mais benefícios da intervenção. A estatura, para dar um exemplo, é um prognosticador muito mais importante de sucesso (incluindo salários e opções de casamento) para os filhos do que para as filhas.⁴⁹

Reavaliação do Caso de Rajput

Nenhuma pesquisa sobre proporções predispostas entre sexos tinha sido feita com pássaros ou mamíferos quando a antropóloga Mildred Dickemann se deparou pela primeira vez com a lógica exposta por Trivers e Willard em seu estudo de 1973. Os cientistas sociais dessa época prestaram escassa atenção à idéia de que poderia haver predisposições humanas inatas que favoreciam, inclusive, a forma física e a sobrevivência a longo prazo de linhagens familiares. A desvalorização das filhas era vista como um construto puramente cultural. Admitia-se ser o resultado de espíritos indecisos tecendo teias infinitamente variáveis de significado a partir de tradições localmente recebidas.⁵⁰

No tocante aos antropólogos culturais, a ideologia da preferência por filhos varões, a par do costume de pagar dotes para dar as filhas em casamento, bastava para explicar o infanticídio feminino. Que outras razões poderia haver? Entretanto, chamou a atenção de Dickemann o fato de o padrão de preferência pelo filho varão no caso do norte indiano ajustar-se tão bem às predições de um modelo evolucionista aplicável de uma forma geral aos animais.

Trivers e Willard propuseram que os pais em situação privilegiada preferiam filhos, os que estavam privados de um decente nível de vida, filhas. Especificaram até que essa lógica seria encontrada em sociedades humanas socialmente estratificadas, onde as mulheres ascendiam na escala social pelo casamento, sempre que o “êxito reprodutivo de um macho no topo da escala excede o de sua irmã, ao passo que o de uma fêmea na extremidade inferior da escala excede o de seu irmão. Uma propensão para a fêmea casar com um macho cujo *status* socioeconômico é superior ao dela tende, *ceteris paribus*, a produzir tal correlação”. A lógica de Trivers e Willard explicou até a mais intrigante característica da matança de filhas no caso de Rajput — por que razão as famílias da elite eram as mais suscetíveis de matar metade de sua prole. Em contrapartida, tocava às subelites pagar exorbitantes dotes para colocar suas filhas numa dessas casas da elite, empobrecendo assim os seus filhos. As mais pobres subcastas, que na realidade nem tinham recursos suficientes para ali-

mentar sua prole, eram as que festejavam o nascimento de filhas e não as matavam.⁵¹ Tudo isso só fazia sentido quando se aceitava o pressuposto de que os pais não estavam dando importância aos filhos mas enxergando mais longe, com os olhos postos nos netos e, para além destes, na sobrevivência de uma linhagem familiar.

Reviravoltas do Destino Tornam Preferidas as Filhas

A eliminação de filhas no topo da hierarquia produz um vácuo que absorve as moças em idade núbil dos níveis inferiores e gera uma escassez na base da pirâmide. As famílias não pagam dotes para colocar filhas em famílias de *status* igual ou inferior ao delas próprias. Pelo contrário, exigem pagamento por elas. Na base da pirâmide, os filhos cujas famílias não podem arcar com o requerido *preço da noiva* permanecem solteiros. Longe de serem vistas como calamidades, as filhas são a mercadoria mais valiosa que as famílias de baixo *status* possuem.⁵²

Fazer referência a uma filha como mercadoria será considerado por muitos uma extraordinária insensibilidade. Mas não estamos falando sobre populações ocidentais pós-industriais que, durante gerações, têm vivido num estado sem precedentes de libertação ecológica, livres da preocupação com a escassez extrema e a fome. A prolongada sobrevivência desses pais e seus filhos raramente depende das escolhas que as mães fazem sobre que quantidade de alimento atribuir a um filho *versus* um outro. Mas nem todas as mães têm essa sorte. As filhas não só ofereceram a única perspectiva de mobilidade ascendente mas, em muitos casos, proporcionaram a única possibilidade de contínua sobrevivência de uma linhagem familiar.

Em partes do mundo onde a seca e a fome são riscos periódicos, os sem-terra e os esbulhados têm invariavelmente a pior chance de sobrevivência. Sob tão rudes e cruéis circunstâncias, os mais prováveis sobreviventes serão os filhos cujas mães ingressaram, pelo casamento, em famílias com acesso a recursos, como terra arável.⁵³ A hipergamia (moças que ascendem socialmente pelo casamento) não é fruto de um feliz acaso. Nem pode ser negado que as decisões que levam a isso têm resultados genéticos.

Séculos de acasalamentos hipergâmicos deixaram um rastro de marcadores genéticos, como migalhas espalhadas ao longo da floresta do sistema de castas indiano, documentando os diferentes caminhos seguidos pelos dois sexos ao casar e produzir filhos. Um exame de traços genéticos presentes no DNA mitocondrial (o DNA encontrado em células somáticas e em óvulos mas não no esperma), o qual só é transmitido da mãe para os filhos, mostrou que esses traços transmitidos pela mãe estão largamente disseminados para além das tradicionais fronteiras de castas. Durante séculos, foram conduzidos por noivas e concubinas que subiam no mundo ao ingressar pelo casamento em famí-

lias de casta superior. Em contrapartida, os marcadores transmitidos paternalmente, traços passados de pai para filho no cromossomo Y, são menos móveis. Os traços transmitidos pelo pai permanecem localizados, raramente se propagando além da casta onde se originaram.⁵⁴ Pode ser essa uma razão pela qual os traços masculinos são mais vulneráveis à extinção do que aqueles de que as mães são portadoras. Assim, costumes que antes eram vistos como puramente culturais têm profundas conseqüências demográficas e genéticas, assim como raízes profundas em motivações humanas e suas regras decisórias a respeito de filhos.

Natureza Humana e História Humana

As mais antigas provas sobre infanticídio influenciado pelo sexo derivam do DNA de esqueletos de bebês — todos com menos de dois dias de idade e sem defeito aparente — exumados do esgoto de um antigo bordel na Ashkelon romana, localizada na costa meridional da moderna Israel. Das 19 vítimas do que os arqueólogos suspeitaram tratar-se de infanticídio, 14 eram do sexo masculino. Se suas mães eram, de fato, prostitutas, presume-se que provinham das mais baixas camadas da sociedade: as filhas mas não os filhos dessas mulheres é que teriam valor. Uma preferência por filhos entre as elites refletida pela preferência inversa por filhas entre os oprimidos é um padrão que ainda hoje persiste. A preferência por filhas ainda pode ser documentada hoje entre os ciganos húngaros e outros grupos desfavorecidos. Considere-se o que aconteceu no final da década com a queda do comunismo. Em toda a Europa Oriental, desintegraram-se as economias e os serviços sociais, levando a um recrudescimento da miséria e dos casos de gravidez não desejada. Não chega a ser motivo de surpresa o fato de ter aumentado a incidência de neonaticídios, mas com uma alteração incomum. Antes de 1990, filhos e filhas tinham probabilidades quase iguais de serem mortos. Depois de 1990, o pesquisador eslovaco Peter Sykora documenta que as vítimas são desproporcionalmente masculinas — 21 de 27 nos neonaticídios em sua amostra.⁵⁵

Grandes frações da história universal só podem ser entendidas se prestarmos atenção a esses padrões. Os destinos humanos podem ser interpretados como artefatos do tratamento diferencial da progênie por seus pais. Que filhos herdavam terras e davam continuidade a dinastias, quais os que tinham de partir para colonizar novos mundos. Que filhos estavam predestinados para passar o resto da vida em mosteiros (ou em conventos), que filhas recebiam dote e eram mandadas para distantes reinos. Em nenhuma obra esse ponto é melhor abordado do que nos escritos do arqueólogo e historiador social James Boone.

Usando genealogias portuguesas medievais, Boone descreveu os destinos de filhos e filhas entre ambas as elites — a realeza e a nobreza latifundiária — e os daqueles que as serviam, burocratas e soldados, durante um período de duzentos 361

anos (de 1380 a 1580). Duques e condes, nas mais altas posições sociais, deixaram mais filhos legítimos sobreviventes (4,7 filhos em média, sem dados confiáveis quanto ao número de bastardos) do que os cavaleiros e membros das ordens militares abaixo deles (2,3 filhos legítimos em média). Para ambos os sexos, os primogênitos beneficiaram-se do melhor tratamento. Os mais novos combateram nas Cruzadas, longe do lar, ficaram ausentes por muito mais tempo, e tinham maiores probabilidades de morrer em lugares distantes, como a Índia, ao passo que os primogênitos, em sua grande maioria, nunca foram além do Marrocos e logo voltavam para casar e tomar posse das propriedades da família.

As filhas supérfluas eram igualmente banidas, não para terras distantes mas para conventos. O romancista italiano Alessandro Manzoni forneceu uma descrição apropriada dessa predestinada clausura em seu retrato do orgulhoso patriarca milânês que “destinou todos os filhos mais novos de ambos os sexos à vida de claustro, de modo a deixar a fortuna da família intacta para o morgado, cuja função era perpetuar a família”. Essa prática acarretou grande infelicidade para os filhos mais moços de ambos os sexos.

Em seu romance histórico de 1827, *I promessi sposi* [Os Noivos], Manzoni resume a triste situação reservada a uma filha nascida por último:

Ainda escondida no ventre materno (...) seu estado em vida já tinha sido irrevogavelmente resolvido. Tudo o que ficava para ser decidido era se viria a ser um frade ou uma freira, uma decisão para a qual sua presença se fazia necessária, mas não o seu consentimento.⁵⁶

Entre os portugueses medievais de Boone, de 10 a 40% das filhas em qualquer momento dado estavam enclausuradas em conventos. As filhas da elite que casaram produziram uma média de 3,7 filhos, mais ou menos o mesmo número (3,3) de filhos sobreviventes deixados por mulheres da subelite, muitas das quais tinham ascendido na escala social quando casaram. De um modo geral, o sucesso reprodutivo de filhas nascidas em famílias de condição social inferior foi maior do que o de seus irmãos, ao passo que no topo da hierarquia — como entre os Rajputs do norte da Índia — a verdade era inversa. Quando Boone colocou esses dados em seu computador para simular como essa situação se comportaria através do tempo, as elites produziram significativamente mais netos na terceira geração através dos filhos do que através das filhas, enquanto as classes inferiores tiveram com as filhas melhor desempenho do que com os filhos.⁵⁷

Entre os “Desprezados”

Foram situações opostas como essas que atraíram a atenção do antropólogo Lee Cronk quando foi ao Quênia para estudar os mukogodos. O estudo de

Cronk é incomum porque se concentrou especificamente nos que se situam nos degraus mais baixos da escada social local.

Os mukogodos são antigos caçadores e coletores que, pressionados pela necessidade econômica, se ligaram como uma “subcasta” oprimida aos masais pastoris, adotando a língua e os valores masais mas sem alcançar nunca a igualdade de *status*. Localmente, o nome mukogodo significa “os desprezados” ou, mais literalmente, “a pobre escória”.

Como é típico entre as sociedades pastoris, os masais preferem filhos. Os mukogodos, para imitá-los, dizem ser também essa a sua preferência. Mas o comportamento real das mães mukogodo e a proporção entre os sexos de sua progênie (há cerca de 67 rapazes para cada 100 meninas) contam uma história diferente. As mães mukogodo amamentam as filhas por mais tempo que os filhos e são mais propensas a pagar para levar à clínica médica uma filha doente e não um filho nas mesmas condições. Em parte por essa razão, as filhas são mais saudáveis e têm maiores probabilidades de sobrevivência do que os filhos.

Dessa estranha união de duas culturas surgiu um sistema de casamento hipergâmico estruturado de acordo com as linhas que Dickemann identificou nos rigidamente estruturados clãs do Rajasthan pré-colonial: as mulheres ascendem na hierarquia, com as filhas sendo preferidas aos filhos na base. Como numerosas mulheres mukogodo, ao tornarem-se esposas primárias ou secundárias dos masais, ascenderam na escala social, muitos homens mukogodo, com menores rebanhos a que recorrer para o preço de noiva, enfrentam dificuldades para obter noivas. Com tantos filhos mukogodo envelhecendo sem esposa, sua fertilidade integral média está abaixo da filha mukogodo média.⁵⁸ Não é possível saber com absoluta certeza o que as mães valorizam mais, se os benefícios materiais que as filhas trazem, contados em cabeças de gado, ou se os netos; mas a minha conjectura é que, ao longo do tempo evolutivo, as duas coisas tornaram-se tão interligadas que acabaram sendo inseparáveis no que diz respeito às preferências interiorizadas de uma mãe por diferentes filhos.

Aspectos Econômicos da Preferência pela Filha

A preferência categórica por filhas não está necessariamente confinada às famílias das classes inferiores. Entre os tongas matrilineares do sul do Zaire, as filhas são essenciais para perpetuar a *basimukoa*, ou matrilinearidade. Quanto mais próspera é a matrilinearidade, maior a pressão para gerar filhas. Por isso não causa surpresa o fato de haver dois gritos de júbilo quando nasce uma menina, apenas um para o rapaz. Um número excessivo de filhos machos, e a mãe será alvo das críticas de seus parentes. Mais concretamente, as taxas de mortalidade de filhos machos na infância são muito superiores às de fêmeas. De nascimentos registrados, por cada 100 meninas somente figuram 92 rapazes. Quando nascem gêmeos dos dois sexos, o rapaz é negligenciado e o mais

provável é que morra. A taxa de mortalidade dos gêmeos do sexo masculino é cinco vezes superior à de rapazes nascidos isoladamente, o que sugere que os pais não se esforçam muito por mantê-los vivos.⁵⁹

Por vezes, os pais, mesmo aqueles que vivem em áreas com uma longa tradição de preferência pelo filho, chegam a preferir filhas porque as mulheres descobriram para si mesmas um nicho econômico especial. É o caso das filhas nascidas na ilha de Cheju Do, ao largo da costa da Coreia do Sul. Cheju Do é célebre por suas mergulhadoras, chamadas *haeyno*, especializadas na coleta de abalones, um molusco semelhante à ostra. Como essa ocupação é relativamente bem paga, as filhas fornecem mais segurança do que os filhos. Quando uma mulher em Cheju Do sabe que está grávida, suas preces são por uma filha.⁶⁰ A independência financeira dessas mulheres também levou à mais elevada taxa de divórcio da Coreia. Nesse aspecto, Cheju Do assemelha-se a alguns países ocidentais onde as famílias estão em transição entre tradições patriarcais de longa data e admiráveis mundos novos onde proteções legais, a par de oportunidades econômicas para as mulheres, significam que elas podem sobreviver e criar uma família com ou sem um provedor masculino.

Configurações Familiares Muito Afinadas

Os pais podem ser extraordinariamente específicos em seus requisitos para certos conjuntos de filhos. Existem tradições consagradas pelo tempo que especificam que sexo permanece com os pais ou herda, qual deixa o lar paterno com as mãos vazias ou, pelo contrário, casa levando um dote, que filha se conserva solteira para cuidar do herdeiro designado.

Em muitas áreas da Ásia, a família ideal é composta de dois a quatro filhos e uma ou duas filhas. Assim, não deveria surpreender-nos encontrar ocasionalmente “meninos desaparecidos” a par de todas as meninas desaparecidas — embora não em tão grande número. O antropólogo G. William Skinner estava entre os primeiros a predizer e documentar semelhante padrão para as crianças desaparecidas. Em seu mais recente estudo de dados fornecidos pelo censo da região do baixo Yangzijiang, Skinner e seu colaborador Yuan Jianhua documentaram 1,2 milhão de meninas desaparecidas, em sua maioria filhas de famílias de alta estirpe, mas também cerca de 60 mil meninos desaparecidos, a maior parte de famílias que já tinham muitos filhos varões.

Preferências parentais culturalmente veiculadas podem influir com desalentadora previsibilidade. Estudos de sobrevivência infantil entre os aldeões no Punjab e em Bangladesh deixam claro não ser apenas as filhas nessas famílias que estão em perigo, mas filhas com uma ou mais irmãs mais velhas. Numa aldeia de Bangladesh, tais filhas têm uma probabilidade 90% mais elevada de morrer antes do término da infância do que as meninas sem qualquer irmã

mais velha. Um rapaz com o azar de ter nascido depois de dois ou mais irmãos mais velhos tem uma probabilidade 40% maior de morrer do que se fosse filho único.⁶¹

A responsabilidade parental em relação à sua prole depende de em que medida o sexo e a ordem de nascimento do filho estão em harmonia com uma norma desejada. Entre os primeiros que demonstraram isso empiricamente estava o sociobiólogo Paul Turke, que levou a efeito uma pesquisa de campo entre os nativos do Atol de Ifaluk, no Pacífico. As filhas desse povo de pescadores eram mais produtivas do que os filhos. Também ajudavam os pais a criar os irmãos mais novos, tarefa em que os filhos raramente cooperavam. Não admira que as filhas fossem preferidas. Os pais que realizaram a configuração ideal, produzindo primeiro uma filha e depois um filho, estavam em melhor situação e criavam mais filhos sobreviventes do que aqueles cujo primogênito era macho. De um modo geral, as mães que davam à luz uma filha no começo de sua carreira reprodutiva tinham maior êxito ao longo do seu tempo de vida fértil do que as mulheres que pariam primeiro um filho macho.⁶²

Nas sociedades patriarcais em habitats saturados, tal preferência moderada por uma filha inicial pode ser levada a extremos. Entre os agricultores dos séculos XVIII e XIX na planície Nobi do Japão, o padrão ideal de “primeiro uma menina depois um menino” tem um nome: *ichihime nitarô*. Os filhos varões são o sexo preferido mas, se puderem, os pais arranjam as coisas de modo a ter primeiro uma alomãe à disposição para ajudar a criar o herdeiro primário, para garantir que este será tão saudável e bom quanto possível.⁶³ Os pais não se furtavam a viciar o dado demográfico num jogo assustador. Os suficientemente jovens para confiar em que não lhes faltariam mais oportunidades para obter a configuração ganhadora eram capazes até de eliminar o tão desejado filho se porventura acontecesse de ele nascer primeiro, melhorando assim as chances de realizar o *ichihime nitarô*. Depois, os pais no Japão do xogunato Tokugawa usaram o infanticídio para ampliar o espaço entre nascimentos e — se as condições eram suficientemente auspiciosas — para realizar uma configuração tão próxima quanto possível da ideal de prole bem espaçada, equilibrada no tocante à proporção entre os sexos, com um primogênito bem qualificado alcançando a idade adulta justamente quando seu pai está pronto para aposentar-se.⁶⁴ É claro que a “mania de filhos homens” nunca foi tão simples quanto uma preferência sistemática por filhos homens, solucionável através de uma proporção entre sexos sistematicamente predisposta.

Por Que os Humanos Influenciam o Investimento *Após* o Nascimento

Os humanos, como outros animais, usam flexíveis “regras decisórias” para influenciar o investimento no sentido das filhas, sob certas condições, ou no sentido dos filhos, sob outras. Mas, ao invés da vespa-mãe, que avalia as perspectivas demográficas e depois empenha-se em produzir sobretudo filhas ou sobretudo filhos, os humanos, com raríssimas exceções, deixam a questão em aberto até depois do nascimento. Eles avaliam então contingências como a ordem de nascimento, a qualidade da progênie, a assistência disponível e até as perspectivas de herança. Dada a importância da história, como os sistemas de procriação dos humanos são extraordinariamente flexíveis e como são variáveis os ambientes em que eles podem viver, os pais com propensões inatas para produzir um ou outro sexo estariam errados tantas vezes quantas aquelas em que estariam certos.⁶⁵

Onde as condições ambientais, os padrões de casamento e residência, ou as leis, podem mudar num prazo muito curto, a melhor parte da coragem evolucionista consiste em adiar decisões irrevogáveis até o último momento viável. Estrategistas conscientes atualizam constantemente a informação sobre as perspectivas locais para filhos *versus* filhas. Tensões crônicas entre interesses maternos e patrilíneos são resolvidas de modo muito diferente quando se abrem novas oportunidades de subsistência enquanto outras se fecham, quando filhas que eram tidas como imprestáveis convertem-se de súbito em bens patrimoniais, e assim por diante. Diferentemente de outras criaturas com razões prementes para influir no investimento parental antes do nascimento, a pura variabilidade da condição humana torna imprudente esse grau de compromisso prévio. Além disso, ao contrário de outros mamíferos, a pura e simples duração do investimento parental no caso humano, e a miríade de formas que pode adotar — alimento, custos educacionais, pagamentos matrimoniais, heranças — significam que os pais têm muitas maneiras e múltiplas oportunidades para exercer sua influência no investimento em diferentes filhos.

Imaginemos uma mãe em condições excepcionalmente boas que, de alguma forma, influencia a produção no sentido de uma filha, em preparação para uma agradável vida matrilocal, e que, de um momento para o outro, vê-se capturada por alguma tribo guerreira, patriarcal, onde somente os filhos são valorizados. Sua “decisão” fisiologicamente baseada teria sido um equívoco. MUITÍSSIMO preferível adotar o curso fisheriano de investimento igual antes do nascimento, e depois optar por um investimento preciso em filhos ou filhas após o nascimento, em resposta a pistas e costumes locais.

Os Comportamentos com Base Biológica São Mutáveis

Em face de coerções, os pais valorizam facilmente alguns filhos em detrimento de outros. Estas são as más notícias. A boa notícia é que em lugar



Fig. 13.4. Tradicionalmente, as filhas de famílias pobres e de baixo *status* na Índia setentrional — como esta mulher trabalhando na construção de uma estrada — eram poupadas à discriminação pelo “preço de noiva” que impunham ao casar e pelos salários que eram capazes de ganhar. Hoje, porém, no norte da Índia, os homens estão preenchendo cada vez mais até os empregos mais humildes e pior pagos, de tal modo que a discriminação contra as filhas está furtivamente ganhando terreno nas camadas inferiores da escala social e apagando boa parte da proteção de que as filhas dos oprimidos tinham outrora desfrutado. (*Sarah Blaffer Hrdy/ Anthro-Photo*)

nenhum da psique humana estão gravadas em DNA as preferências sexuais específicas — como uma mania por filhos varões. Por muito difundidas que sejam as preferências por um filho homem, nada existe para indicar que isso representa uma preferência inata ou universal por parte de mães ou pais. Não existe um colete de força psicoemocional para todos os fins no que diz respeito a filhas e filhos. Em sociedades com fortes tradições patriarcais, entretanto, podem ter que ocorrer circunstâncias especiais para que as filhas se tornem tão desejáveis quanto os filhos — sobretudo se os pais esperam ter somente um filho.



Fig. 13.5. Só em décadas recentes as mulheres ocidentais em países como os Estados Unidos tiveram oportunidades educacionais e esportivas equivalentes às que existem para os homens. Estas jovens são remadoras de uma equipe universitária, evidentemente tão orgulhosas de sua força e competitividade quanto de sua feminilidade. Ninguém sabe ainda até que ponto esses novos experimentos sociais serão coroados de êxito. (Cortesia de David Joffe)

O sexo dos filhos também tem sido, desde longa data, uma preocupação para os ocidentais. Mesmo aqueles que dizem “não tenho preferência” descobrem tê-la, na verdade, quando levados a imaginar uma situação em que tenham somente um filho. Em vez de infanticídio, porém, os pais ocidentais regularam o investimento parental através dos tempos destinando alguns filhos para a Igreja, algumas filhas tardias para “tias solteironas” (o destino que a família de George Eliot tinha em mente para ela). Nos Estados Unidos, só no século XIX as mulheres casadas adquiriram o direito a possuir bens patrimoniais em seu próprio nome, e só depois de promulgados os *Married Women's Property Acts* na Inglaterra e nos Estados Unidos, no final desse século, é que as filhas começaram a herdar em pé de igualdade com os seus irmãos. Protegidas pela lei, as filhas têm hoje, na realidade, mais probabilidades de terminar um curso universitário do que os rapazes, e estão começando a ter oportunidades esportivas e de carreira equivalentes às que desde há muito tempo estão abertas aos filhos. Para muitos casais partidários do filho único, as filhas são realmente o sexo preferido. Mas essas transformações são todas muito recentes, ainda virtualmente no campo das experiências — frágeis, diga-se de passagem — seguindo de perto os preconceitos que de longa data favoreciam os filhos varões.

O folclore ocidental sobre determinação sexual poderia encher volumes. O filósofo grego Anaxágoras acreditava que os testículos esquerdo e direito

eram diferentes, de modo que, bloqueando com ataduras o mais fraco (o esquerdo), um homem aumentava as probabilidades de gerar um filho homem. Aristóteles recomendou que se ficasse de frente para o norte durante as relações sexuais, pois acreditava que um fio vento do sul induziria a concepção de filhas. Para os espíritos mais prosaicos, recomendações caseiras para gerar filhos varões prescreviam o uso de botas na cama.

Nem tudo isto é história antiga. Evitando tal folclore, os pais nova-iorquinos recorreram, na década de 1960, ao Dr. Landrum Shettles, que prescreveu um regime de duchas de vinagre para privilegiar o esperma portador de X e uma ducha de fermento em pó para promover as chances dos portadores de Y. Shettles foi seguido na década de 1980 pelo seu homólogo na Costa Oeste, o fisiologista Ronald Ericsson, fundador de Gametrics Ltd. em Sausalito, Califórnia. Ericsson prometeu aos pais a seleção do sexo usando uma técnica especial para separar o mais rápido esperma portador de Y do mais lento portador de X. Divulgou a sua premissa central com presunçosas chapas de licença em seu automóvel em que se lia "X ou Y". Houve até um breve período em que os norte-americanos podiam ir a uma farmácia e comprar por \$49,95 um kit completo com termômetro e parafernália para monitorar o muco vaginal e determinar com precisão o momento para conceber um filho ou filha. Quando a Food and Drug Administration decidiu que as alegações subentendidas na publicidade em cor-de-rosa e azul das caixas não eram concretizadas nem justificadas, os kits foram retirados das prateleiras das farmácias. Hoje, os exames pré-natais para identificação do sexo do feto estão largamente disponíveis no Ocidente. Qualquer pessoa decidida a usá-lo para a seleção do sexo pode fazê-lo sem violar qualquer lei.

Este capítulo começou com o infanticídio seletivo de sexo na China. Não sou imune à angústia que este sombrio tópico gera. Maior razão para uma análise desapaixonada. Pois os humanos são, sobretudo, criaturas férteis em recursos. Não abandonam facilmente seus interesses pessoais em prol do bem comum ou do bem de outrem. Os humanos não abandonam facilmente, e sem uma boa causa, os impulsos nepotistas que nos trouxeram de umas escassas dez mil almas algumas centenas de milhares de anos atrás para os seis bilhões que hoje povoam a Terra. Filosofar sobre tópicos como se os humanos têm livre-arbítrio (e, se o têm, como o empregam) está muito longe das preocupações quotidianas da maioria dos humanos.

É a humanidade comum dos pais que está em jogo aqui, não as diferenças étnicas ou culturais. Aqueles que acorreriam pressurosos a Beijing para proferir veementes diatribes fariam bem em manter alguma perspectiva histórica. 369

Enquanto as taxas chinesas de infanticídio declinavam espetacularmente a partir do século XIX, durante o mesmo período as taxas de infanticídio e de maus-tratos, negligência e outras formas de violência contra crianças dispararam em países como os Estados Unidos, embora o sexo das crianças tivesse relativamente pouco a ver com isso.⁶⁶

O infanticídio na China já é ilegal. Desde 1987, as leis contra a revelação do sexo de um feto a pais que poderiam subsequentemente praticar o aborto seletivo de sexo fizeram com que a legislação chinesa relativa ao aborto fosse mais severa do que a que vigora no Ocidente. É difícil ver, portanto, que sentido haveria numa legislação adicional tornando o infanticídio feminino preferencial ou o aborto seletivo de sexo *mais* ilegal na China do que já é. Os incentivos tendem a ser mais efetivos do que as proibições. O remédio mais eficaz pode ser a contracepção amplamente acessível para a ampliação dos intervalos entre nascimentos combinada com as oportunidades educacionais e de emprego que criam futuros atrativos para as filhas, incluindo bolsas de estudo e oportunidades de trabalho que beneficiarão suas famílias. Países convencidos de que o controle obrigatório da natalidade é essencial para o bem-estar a longo prazo de suas populações poderiam querer levar em consideração a viabilidade da criação de vales especiais para famílias só com filhas — ótimo para se obter um número extra de netos.